

Turnê de 24 shows começou no Rio de Janeiro, em abril

FOTOS: BOB WOLFENSON/DIVULGAÇÃO

Serviço. Há ingressos apenas para o último dia de apresentação, no domingo. As entradas são para os setores VIPs. Vendas no site Eventim, de R$ 500 a R$ 1.990

TITÃS, uma biografia paulistana

Turnê de reunião, que celebra 40 anos dos Titãs, chega à capital para três shows no Allianz Parque neste fim de semana. A **Orbi** lembra onde tudo começou



Angela Corrêa
angela.correa@orbi.news

A amizade começou no pátio da escola. Uma biblioteca no centro foi palco para experimentações musicais. Já o primeiro show profissional foi no Sesc. Naturais de São Paulo, os Titãs têm pedacinhos de história espalhados pela cidade. A partir de hoje, a banda traz para casa a turnê Encontro, que celebra 40 anos com a formação (quase) clássica para três shows no **Allianz Parque** ①, zona oeste.

A história da banda é contada na biografia "A Vida Até Parece uma Festa", lançada em 2002 e que teve versão atualizada em fevereiro deste ano. A obra foi escrita pelos jornalistas Luiz André Alzer e Hérica Marmo.

Em entrevista à **Orbi**, Alzer conta que é impossível falar da alma paulistana da banda sem começar pelo Colégio **Equipe** ②, que hoje funciona em Higienópolis. Refúgio progressista, a escola nasceu do Cursinho do Grêmio, mantido por estudantes de Filosofia da USP e perseguido durante a ditadura militar no fim dos anos 1960.

Quando os primeiros titãs se matricularam, em 1975, o Equipe ocupava o número 114 da rua Martiniano de Carvalho, na Bela Vista, centro. Arnaldo Antunes, Branco Mello, Marcelo Fromer, Nando Reis, Paulo Miklos e Sérgio Britto, filhos de famílias ligadas ao movimento de esquerda, tinham ali um espaço seguro.

Nesse contexto, uma figura em especial foi fundamental: Sérgio Groisman, cerca de dez anos mais velho que a turma, ex-aluno do Equipe e agitador cultural da escola.

"Claro que o Equipe formou os Titãs, mas o Serginho era um cara que transcendia o colégio. Ele trazia os grandes músicos, não só de rock, mas de samba", conta o biógrafo.

Serginho, que ficaria conhecido por ser um comunicador próximo aos jovens, trabalhou na escola até 1980 e, com seu fusquinha, levou gente como Cartola, Nelson Cavaquinho, Clementina de Jesus e Jovelina Pérola Negra para cantar na escola. Fora Caetano Veloso, Gilberto Gil e Novos Baianos, entre outros.

Tony Bellotto, estudante do colégio Rio Branco, em Higienópolis, foi apresentado à programação pelo colega Carlos Barmack, que mais tarde seria co-autor de "Sonífera Ilha", o primeiro hit. Com Branco Mello e Marcelo Fromer, Tony formou o Trio Mamão.

Corações e mentes. O primeiro projeto musical que reuniu grande parte dos Titãs foi a chamada Fita das Musas, criada para declarações de amor ou, em alguns casos, xavecar pretendentes. Ciro Pessoa, colega do Equipe e parte da primeira formação da banda, estava na jogada. A K7 teve até lançamento, no bar **Terceiro Mundo** ③, em Pinheiros, e serviu para que eles percebessem que queriam mais.

Naquele mesmo ano de 1981, Arnaldo e Paulo, organizadores da homenagem às amadas, se inscreveram para tocar na **Biblioteca Mário de Andrade** ④, no centro. Convocaram, às pressas, os colegas da Fita das Musas e criaram a ópera rock "A Idade da Pedra Jovem".

Com o nome Titãs do Ie-Iê, inspirado em uma coleção de enciclopédias, se apresentaram em uma quarta-feira de setembro, ao meio-dia. Nando assumiu a bateria e Marcelo, que trocou o violão pela guitarra, terminou o show com os dedos em carne viva, já que abriu mão da palheta. Branco, que havia acabado de se casar, ficou de fora.

Paralelamente aos interesses musicais, eles viviam um universo estimulante. A famosa **Casa Azul** ⑤ do Aguilar, na Bela Vista, foi ponto de encontro de muitos artistas, inclusive para parte dos Titãs. Arnaldo chegou a morar ali depois de um período no Rio de Janeiro no fim dos anos 1970. "Ele foi um aglutinador. Arnaldo e Paulo tinham uma ligação forte com ele", diz Alzer.

Pré-Titãs. Antes de começarem a se dedicar à banda, os amigos se reuniram em outros grupos. Além do Trio Mamão, de Branco, Marcelo e Tony, houve Os Camarões, de Nando, e a Banda Performática, que contava com Arnaldo e Paulo

A formação inicial foi, na verdade, um noneto. Ciro estava no Rio quando percebeu a explosão da Blitz e do rock brasileiro em 1982. Voltou para São Paulo decidido a formar uma banda e recebeu os outros Titãs na **casa de amigos na Vila Mariana** ⑥, zona sul, onde estava hospedado. Naquele mesmo ano, em outubro, já com André Jung na bateria, os Titãs estreavam com duas apresentações no **Sesc Pompeia** ⑦, na zona oeste.

Diferentemente do Rio e de Brasília, os outros polos do rock daquela década, São Paulo tinha maior oferta de casas alternativas de shows, o que contribuiu para a criação de novas bandas. Lugares como o teatro Lira Paulistana, em Pinheiros, e os bares Hong Kong e Rose Bombom, nos Jardins, Radar Tantan, no Bom Retiro, Madame Satã, na Bela Vista, Napalm, na Vila Buarque e o Village Station, no Bixiga.

O cenário em que os Titãs nasceram era distinto das outras capitais também no que se referia ao que ouvia por aqui. "Tinha uma coisa mais punk, com bandas como Inocentes e Mercenárias. As bandas mais criativas vieram de São Paulo. O rock no Rio era mais tradicional, mais pop. O de Brasília também", analisa Alzer.

Ciro deixou a banda em 1984, antes que os Titãs eliminassem o Ie-Iê do nome, assinassem com a WEA e gravassem o primeiro álbum, homônimo. Ele faleceu em 2020, vítima de Covid-19. Por votação quase unânime, André foi substituído por Char-

Leia material completo no site da **Orbi**



Outros pontos importantes.

Rock Dog, Pinheiros. ⑫ Em 1990, Branco Mello, Marcelo Fromer e Tony Bellotto abrem uma lanchonete especializada em cachorros-quentes.

Estúdio Placa Luminoso, av. Rebouças ⑬ Gravam primeira fita demo em 1983 e escrevem "Bichos Escrotos".

Estúdio Áudio Patrulha, Rebouças ⑭ Depois de assinarem com WEA, a banda grava o primeiro álbum, em 1984. Com recursos reduzidos, usam estúdio de publicidade, em horários alternativos.

Tifon ⑮ av. dos Imarés, 64 - Moema. Show de estreia do primeiro álbum.

Setlist

• Diversão	• Estado Violência	• Eu Não Sei Fazer Música	• Não Vou me Adaptar	• Televisão	**Bis**
• Lugar Nenhum	• O Pulso	• Cabeça Dinossauro	• Família	• Porrada	• Miséria
• Desordem	• Comida	• Epitáfio	• Go Back	• Polícia	• Marvin
• Tô Cansado	• Jesus Não Tem Dentes no País dos Banguelas	• Os Cegos do Castelo	• É Preciso Saber Viver	• AA UU	• Sonifera Ilha
• Igreja	• Nome aos Bois	• Pra Dizer Adeus	• 32 Dentes	• Bichos Escrotos	
• Homem Primata		• Toda Cor	• Flores		

Fã fez tattoo idêntica a de Branco Mello

Quando Alessandro Costa nasceu, em novembro de 1993, fazia quase um ano desde que Arnaldo Antunes havia deixado os Titãs. No entanto, mesmo sem ter vivido experiências que os mais velhos têm, é hoje um dos fãs mais dedicados da banda. Mantém canal no YouTube e perfil no Instagram.

As letras e a bateria de Charles Gavin no álbum "Cabeça Dinossauro" foram decisivos para que o rapaz se apegasse à banda aos 9 anos. "Tudo o que eu sei hoje sobre esse instrumento maravilhoso, aprendi vendo e ouvindo o que o Charles fez e faz. Ele é meu mestre absoluto", afirma.

Mas Branco Mello tem lugar cativo. "Amo todos esses caras, só que ele tem uma energia muito especial, é como se fosse uma entidade. Sempre tive uma identificação maior até com as canções que ele canta, tipo 'Flores', minha favorita do catálogo dos Titãs", conta.


Branco confere homenagem. ACERVO PESSOAL

Na adolescência, ele imitava o vestuário de Branco, mas, em 2022, foi além. Tatuou o mesmo lagarto que Branco tem no antebraço. "Além de eu achar o desenho sensacional, foi uma homenagem mesmo, por tudo isso que ele significa para mim", conta ele.

Alessandro ainda não foi a nenhum show desta turnê. Aguarda ansiosamente pela chegada deles a São Paulo, no fim de semana. A sensação é de sonho realizado. "São 20 anos", conta.


Ainda com Ciro Pessoa, a banda se apresenta em noite new wave no Sesc Pompeia. FOLHAPRESS

les Gavin antes da gravação de "Televisão" (1985), segundo disco, que teve produção de Lulu Santos. Coincidentemente, André foi para o Ira!, outra banda paulistana na qual Gavin havia tocado tempos antes. Para os colegas titãs, André não tocava pesado o suficiente.

O intercâmbio entre músicos e essa espécie de dança de cadeiras, como aconteceu com Jung e Gavin, era algo comum no contexto paulistano, lembra Alzer. "Nesse início, entre 1981 e 1983, a garotada que estava começando tocava em várias bandas, era comum. Isso não acontecia no Rio. De certa forma, a galera de São Paulo era mais unida. O Edgard Scandurra (guitarrista do Ira!) tocava em três bandas, por exemplo."

Naquela época, cair nas graças do mercado do Rio era vital para atingir outros lugares do país. Ali estava grande parte das gravadoras e o sucesso da Blitz era um parâmetro. Os Titãs não correspondiam a essa expectativa. O "sotaque" paulista era forte. Em alguns casos, de forma literal. As roupas e os cortes de cabelo arrojados, criados por Martha Locatelli, dona da loja **Kaos Brasilis** ⑧, em Santa Cecília, no centro, e namorada de Marcelo, causaram certa estranheza. Mas, ao mesmo tempo, o octeto tinha uma irreverência que agradava o carioca, mesma qualidade que fez com que o também paulistano Ultraje a Rigor furasse a bolha, reforça Alzer.

A resistência inicial foi pela falta de identidade, acredita o biógrafo. "O primeiro disco atira para todos os lados. Tem música brega ('Demais'), tem 'Marvin' em uma versão completamente esquisita, bem reggae clássico, e tem 'Sonífera Ilha', que é uma coisa meio pop, meio lambada. Se por um lado foi proposital, porque eles queriam mostrar essa diversidade, por outro, atrapalhou, porque é um disco que não tem uma cara. 'O que os Titãs são?' Se você perguntasse lá em 1984 sobre essa definição, nem eles saberiam dizer", resume.

Em 1986, a resposta veio. Atormentados pela violenta experiência da prisão de Arnaldo, acusado de tráfico depois que Tony foi pego com heroína saindo da casa do colega, na **avenida Paulista** ⑨, nasceu "Cabeça Dinossauro", disco clássico e visceral que rendeu o primeiro Globo de Ouro e uma identificação imediata com os fãs de São Paulo.

Censuradas nas rádios, as músicas foram cantadas a plenos pulmões por 2.500 pessoas que compraram ingressos para os dois shows de estreia em agosto, no **Projeto SP** ⑩, evento de música ao ar livre entre as ruas Caio Prado e Augusta, na Bela Vista.

A virada nacional aconteceu bons meses depois, quando os Titãs fizeram curta temporada no teatro Carlos Gomes, no Rio. No penúltimo show, o público iniciou um quebra-quebra sem precedentes, que destruiu o espaço recém-reformado. Virou notícia nos principais jornais cariocas e chamou a atenção Brasil afora.

O resto é história, contada em 17 álbuns de estúdio e alguns ao vivo memoráveis, casos de "Go Back" (1988), gravado no Festival de Jazz de Montreux, na Suíça, e o "Acústico MTV" (1997).

Desde 1992, os Titãs já mudaram de formação cinco vezes. Naquele ano, Arnaldo deixou a banda. Em 2001, o guitarrista Marcelo Fromer morreu, dias após ser atropelado enquanto praticava corrida **na avenida Europa** ⑪**.** No ano seguinte, Nando saiu, de maneira conturbada. Depois que Charles Gavin e Paulo Miklos se despediram, em 2010 e 2016, respectivamente, os remanescentes são Branco, Britto e Tony, que costumam se apresentar com Beto Lee na guitarra e Mário Fabre na bateria.

Todos ao mesmo tempo. Na apresentação da turnê Encontro, os sete remanescentes da formação clássica se reencontram no palco. No lugar de Fromer, está Liminha, que produziu "Cabeça Dinossauro", "Jesus Não Tem Dentes no País dos Banguelas" (1987) e "Õ Blesq Blom" (1989) e sempre foi considerado o nono titã. Alice Fromer, que tinha 7 anos quando o pai morreu, também participa nos vocais de algumas faixas.

No repertório dos shows há mais músicas dos dez primeiros anos dos Titãs, com todos os integrantes originais. Mas ainda sobra espaço para hits como "Epitáfio", de "A Melhor Banda de Todos os Tempos da Última Semana" (2001) e "Cegos do Castelo", lançada no "Acústico".

Mais de 40 anos depois, os Titãs mantêm o sotaque paulistano. No último álbum, "Olho Furta-Cor", lançado no ano passado, há referências diretas. Britto, carioca de nascença, escreveu "São Paulo 1" e "São Paulo 3" a partir de poemas de Haroldo de Campos, de onde também foi retirado o título. "Sonhando com o mirante/ Sem miragem de um Trianon trivializado/ No outro lado/ Do Paul Fantasmal de lêmures sonados/ Além das pistas/ Da avenida Paulista/Num falso templo", diz trecho. A julgar pelos shows lotados em vários pontos da turnê, os Titãs ainda falam com diversas regiões do Brasil.